

O COMUNISTA

ORGAO DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUEZ (S. P. I. C.)

Numero avulso 25 centavos

PROPRIEDADE DO GRUPO EDITOR "O COMUNISTA"



Redactor principal: J. CARLOS RATES

EDITOR: JOSÉ RODRIGUES

Redacção e Administração RUA DO CONDE DAS ANTAS, 51 7/0

Composição e Impressão TRAVESSA DA AGUA DE FLOR, 23 - LISBOA

Jupiter dementa os que quer perder

Os acontecimentos que durante seis dias decorreram na Amadora dão bem a nota de estado de desagregação e de falência em que se debate a sociedade portuguesa. Não tem já possibilidade de resistir a catastrophe que a ameaça um regime em que tanto se esboçava o poder publico, em hierarquia e disciplina militar, estio de todo o poder organizado, acabou de sofrerão cada golpe.

O ministro da guerra destituiu por um decreto do exercicio das suas funções o director da Aeronautica. Este e os officiaes sens subordinados recusaram-se a cumprir a ordem do ministro, sob o pretexto de que o decreto referido não era constitucional.

A parte o facto de se o poder legislativo e o judicial terem competência para verificar a constitucionalidade das medidas tomadas pelo poder executivo há a ver que na organização militar o superior sempre sempre as ordens superiores e só depois de cumpridas reborre da ordem e da imposição se as considerar injustas ou irregulares.

Não succedeu assim. Houve patente e manifesta insubordinação e rebeldia. Mas houve mais. As forças mobilizadas para meter as ordens os revoltosos, na proporção de 150 para 1, tornaram-se impotentes para um tal acontecimento. Houve o horror pela effusão de sangue. Os officiaes comandantes das forças negaram-se a atacar.

Tratava-se duma recusa do soldado levantar o rancho, duma manifestação operaria em nome rebeldia popular e terram a coragem, a energia e a desobediencia dos nossos bravos officiaes. Iria tudo razo. Não pode haver mais flac

grante contraste da desigualdade de tratamento.

O caso da Amadora é um sintoma, um sintoma marcado do estado de desordem a que tudo isto chegou. Não é, porém, um caso isolado. Muitos outros o antecedem, outros lhe dão succeder com igual ou maior gravidade.

Jupiter dementa os que quer perder. Não é uma fantasia nossa o afirmar-mos que em Portugal todas as classes sociais que tem a perder, que tem interesses na conservação do existente, trabalham afanosamente para a eclosão da Revolução Social.

Os governos, por ou melhor, tentam medidas que consideram salvadoras, porém por um digno e horrível de desordem e indisciplina que sempre subverter e regimem. Essas medidas porém, constituem mais ou menos ameaças a interesses creados e logo aparece a resistencia a impedir qualquer tentativa de solução.

O Parlamento, que expressa a soberania da Nação, dá-nos o maior exemplo de desordem e da inactividade. As sessões ou não se realizam por falta de numero ou se occupam de questões de lamma corporiva e da disputa da interesses mesquinhas. É uma verdadeira rapaziada.

Emfim, tudo o que vemos e observamos preangia uma catastrophe proxima. As consequências imediatas desta catastrophe não as dividimos nós claramente. Porque o proletariado que era na verdade quem poderia aproveitar dum tal estado de coisas revela uma inconsciencia da situação que é simplesmente espantosa.

E lamentavel isto, mas não deixa de ser verdadeiro.

naturalmente pavel nos casos e pela forma que a lei taxativamente determinam.

Don't este abano? Não é difficil ás autoridades demonstrá-lo, porque a exteriorização do pensamento se expressa sempre pela maneira escrita ou falada; e por isso podendo registar-se o delicto.

Mas não houve nada disto. Houve estupidez e cobardia.

O individuo só pôde ser detido por infracções que a lei prevê e estatue. O contrario é cair no regime do arbitrio e mat rar quando se converte por este caminho, porque a violencia provoca a violencia e quando o governo precede contra a lei não tem que esperar que os outros o comprem. O arbitrio é sempre um sintoma de desagregação e fragmeza dum regime.

E arbitrio é também o procedimento havido com a Batalha que vem nofrendo apressões sucessivas. Ha ou não ha uma lei de imprensa? Ha. E ha tambem uma lei de responsabilidade ministerial que se não usa nem se applica contra os que abasam do poder.

E somos nós que fazemos a anarchia?

Os presos da Trafaria

Nós achamos legitimo que todo e qualquer regime se defenda. E se alguma coisa ha que censurar aos ultimos governos da Republica não é precisamente a sua energia em defender o regimen. Pelo contrario é a sua inercia. É a sua falta de decimo. Em nenhum país do mundo, talvez, se comtam mais abusos, com a certeza da impunidade, em parte alguma do globo o poder publico é mais achincalhado. Chega a cansar de.

Em Portugal o regime burguez morreu por erros successivos da administração que agravam a miseria publico e tambem por inercia na defesa. A propagação da Revolução social elles, os defensores do regime, mais do que nós a tem feito, numa inconsciencia que é suicidio.

A nossa policia, esta impagavel politica que é duma inercia e cobardia a toda a prova, quer quando em vez singular que vela pelo ordem, e quanto se acaniza bravas.

Ela prende operarios simplesmente porque usam dum direito estatuido na Constituição Política.

De facto, a imprensa relata que fazem presos os comunistas, sindicalistas e anarchistas, face o fact. Parece, e é assim, de facto, que os individuos presos o foram por motivo de pertencem a uma determinada escola politica.

E no entanto o n.º 13.º do art. 5.º da Constituição estabelece claramente o expresso do pensamento, seja qual for a sua forma, a liberdade de pensamento livre. O abuso deste direito é

A Comissão Central tendo apreendido um recibo de Armando Martins, verificou:

1.º Que Armando Martins cometeu faltas graves que poderiam facilmente prejudicar a vida do Partido;

2.º Que estas faltas não foram no entanto tratadas com intenção misericordia.

Em consequencia, resolveu situar a pena de revolução que lhe havia sido imposta na de censura.

A QUESTÃO NEGRA

A I. C. impõe ás Secções nacionais diqnoes palmas cujas burguezias estão em possessão de colonias, deveres especiais.

A nós comunistas portugueses, não nos pode ser indiferente a sorte de 44 mil negros de S. Tomé e Príncipe, 200 mil da Guiné, 4 milhões e meio de Angola e 3 milhões e meio de Moçambique e vindaes negros, explorados pela parte mais beca e inculta da burguezia internacional.

Se levantamos hoje a questão negra, não é para preparar soluções. Para tanta, falta-nos competencia.

Queremos apenas fazer lembrar aos Comunistas portugueses que temos em territorios portugueses a nossa burguezia alguns milhões de irmãos, trabalhadores negros, vivendo sob um regimen de escravido economico muito mais cruel do que aquela que oprimem o proletariado da metropole.

Levantamos a questão negra, não para lhe propormos soluções, dizemos.

Queremos apenas pô-la como politica comunista.

A 8.º condico da I. C. fala-nos em proteccao a movimentos separatistas nas colonias.

É claro que nas nossas colonias africanas, que são as que mais especialmente nos interessam como secção da I. C., um movimento separatista, dada a incultura das massas negras, só aproveitaria ás burguezias de várias cores que actualmente exploram os nossos territorios coloniais. Não devemos, portanto, falar por enquanto em movimentos separatistas nacionais.

Devemos, sim, conseguir submeter á nossa influencia, o proletariado europeu trabalhando nas colonias; fazer-lhe nascer um sentimento de fraternal amor por essa pretalhada ignorã, que elle tantas vezes ajuda a explorar por conta do patrão comum. O P. C. P. deve fazer na metropole uma campanha decidida e eficaz contra qualquer tentativa de intervenção armada nas questões colonias. Igualmente se deve fazer a opposição á colonização pacifica por meio de missões religiosas.

Do contrario, deve se proteger amplamente e descomunalmente o meio mais effiz da penetração pacifica: a assistencia medica ao indigena, o saneamento dos terrenos, a higiene — a unica coisa boa, enfim, que o Velho Mundo revelou aos povos colonias. Simplemente deve-se, a todo o custo, precucar conquistar para a causa comunista e physal medico e de enfermagem.

Não desconhecemos as dificuldades que tudo isto oferece. Sabemos que a propaganda comunista, mesmo entre o proletariado europeu trabalhando nas nossas colonias, terá de fazer na sua maior parte legalmente.

Como partido comunista temos que tratar a serio a questão negra.

O nosso 1.º congresso só ao de leve frato do caso.

Que estas nossas palavras tenham e condão de lembrar aos militantes que existe uma questão negra portuguesa que urge pagar-lhe por qualque lado, se não conseguirem isso, deixem a liberdade de ter socorro num assunto para o qual não tem competencia especial.

A. Rodrigues

OS PROBLEMAS DA REVOLUÇÃO A INSTRUÇÃO PUBLICA

Os Jardins-Escolas João de Deus são um guia precioso para a nossa tarefa de amanhã

Não quero nem devo tratar este problema sob o ponto de vista tecnico, tarefa que incumba ao professorado.

Sob o ponto de vista social, nós pretendemos atingir o seguinte resultado: que nenhum individuo, seja qual for o seu sexo e condico, deixe de ter um determinado grau de instrução, reputado e indispensavel.

E não se trata dum ensino simplesmente literario. A Escola deve desenvolver a aptidão para o trabalho e a consciencia da necessidade de viver dele.

A Russia, depois da Revolução bolchevique, tem realizado uma obra colossal no terreno da instrução, obra a que os proprios adversarios da Republica dos Sovietes não neguem ologios. O Estado proletario, orientado, fiscaliza, impõe aos chefes de familia a obrigatoriedade de enviar os filhos á Escola, sob pena de os extimir á sua autoridade e obediencia. Bem entendido, o ensino e as refeições durante o periodo escolar são absolutamente gratuitos.

Em referencia ao ensino pre-escolar e das primeiras letras ha já em Portugal uma obra iniciada e que merece ser seguida e generalizada. Falo dos Jardins-Escolas João de Deus. Ainda no domingo tivemos o prazer de visitar a Escola de Lisboa, ali ao pé do Jardim da Estrella.

Sem exagero, sei se dali encantado e unil sorri que todos os nossos camaradas visitem aquela Escola para se interessarem e aprestarem para a resolução dum problema que a Revolução nos terá com uma urgencia irrecusavel.

As aulas, e refeitório, o balneario, todas as dependencias, enfim, são cheias de ar e luz, de vida e alegria, como é indispensavel e adequado para criar a boa disposição no espirito da criança. Ha ali conforto, comodidade e um azeite inextinguivel. Tudo isto é de

molda a desenvolver habitos proveitosos e agradaveis.

Evidentemente, a instituição dos Jardins-Escolas João de Deus, é sobretudo uma obra de oração, mas não se comprehende tambem que a instrução, sobretudo a infantil, deixe de ser assim. É admiravel assim com resultados sem o recurso da violencia. E isso se consegue quando não ha simplesmente o espirito mercenario. A instrução não é, não pode ser uma obra confiada simplesmente aos professores. Na Russia instituiram-se nas cidades e aldeias numerosas commissões destinadas exclusivamente a aumentar o numero de escolas, a reformar-las sob o ponto de vista das construcções e do regimen moral e social, a prestar-lhes assistencia de toda a especie. Estas commissões reúnem anualmente em congresso, analisam os resultados obtidos, traçam planos de melhoramentos futuros, etc.

As maiorias destas commissões não são constituídas por professores mas por toda a gente da coração que se interesse pela situação da infancia.

Ha que seguir entre nós o mesmo processo, que é afinal o que já está realizado — nos Jardins-Escolas João de Deus. É a actividade das commissões escolares na Russia, é ao seu esforço, boa vontade e dedicacão que, naquele extenso país povoado por tão diversas raças e conservadas ali ha pouco num atroz lamentavel, se espera extinguir o analfabetismo dos individuos até aos 35 annos, em 1927.

Ha no paiz apenas quatro Jardins-Escolas João de Deus. O Estado, que elaborou rios de dinheiro em tantas instituições, não soube ainda acariar como merece uma instituição tão proveitosa.

Que bela obra a dum regime que soube sempre por todo o paiz, até nas mais remotas aldeias, os Jardins-Escolas!

J. Carlos Rates

Dr. Augusto Miranda

Por motivos particulares, absolutamente justificaveis, foi forçado a abandonar o P. C. P. e intelligente e desinteressado camarada Augusto Miranda que entre nós conquistara as mais vivas e sincerat sympathias.

Com Augusto Miranda o P. C. P. sofre um golpe rude perdendo um dos seus melhores guias.

Augusto Miranda entrou para o P. C. P. nas suas horas mais difficis, criando inimidades formidaveis, arriscando tudo pela causa que abraçava.

Medico sabedor e activo, espirito culto, apressado, habil, facilidade e marxismo e o leninismo, criando-se uma ideologia proletaria de que eram integradas as seus artigos.

Augusto Miranda pariu com a saudade de todos nós que nos habitamos a admirá-lo e a estimá-lo.

Um chefe

Clemente Vieira dos Santos, prosador futurista, é um dos chefes do anarco-sindicalismo no Porto.

Na Batalha descreve-se a atmosfera de combate que se respirava no largo de S. Crispim, daquela cidade, nos dias em que ali se descomocou a greve geral.

Mas narra pelo que ouviu, porquanto, confessa, não se atrevou a ir lá, tão forte era o cheiro a pólvora.

São d'isto então, os censores da Revolução Russa!

N. LENINE

Os comunistas e os camponeses

Preço 1850 — Pelo correio 1880

Publicado na "Revista" Correia da Silva, rua do Conde das Antas, 51.

Redacção e correspondencia deve ser dirigida a J. Carlos Rates, travessa do Tarjugo, 3.